

MICHELINE M. TOMAZI ALMEIDA
(ORGANIZADORA)

ESTUDOS DO DISCURSO E COMPROMISSO SOCIAL



Estudos do discurso
e
compromisso social



Copyright © 2023, Micheline M. Tomazi Almeida (org.).

Copyright © 2023, Editora Milfontes.

Av. Eldes Scherrer Souza, 2162, Loja 205AB, Colina de Laranjeiras, Serra, ES, 29167-080

Compra direta e fale conosco: <https://editoramilfontes.com.br>

comercial@editoramilfontes.com.br

Brasil

Editor Chefe

Prof. Dr. Bruno César Nascimento

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (UFU) • Prof.^ª. Dr.^ª. Aline Trigueiro (UFES) • Prof. Dr. André Ricardo Vasco Valle Pereira (UFES) • Prof. Dr. Anthony Pereira (King's College, Reino Unido) • Prof. Dr. Antônio Leal Oliveira (FDV) • Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior (UNICAMP) • Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (UFRGS) • Prof. Dr. Arthur Octávio de Melo Araújo (UFES) • Prof.^ª. Dr.^ª. Catherine Reginensi (UENF) • Prof. Dr. César Albenes de Mendonça Cruz (EMESCAM) • Cilmair Franceschetto (Arquivo Público do Estado do ES) • Prof. Dr. Cristiano P. Alencar Arrais (UFG) • Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS) • Prof. Dr. Edson Maciel Junior (UFES) • Prof. Dr. Eurico José Gomes Dias (Universidade do Porto) • Prof. Dr. Fábio Franzini (UNIFESP) • Prof. Dr.^ª. Flavia Nico Vasconcelos (UVV) • Dr.^ª. Flavia Ribeiro Botechia (UFES) • Prof.^ª. Dr.^ª. Fernanda Mussalim (UFU) • Prof. Dr. Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University) • Prof.^ª. Dr.^ª. Helena Miranda Mollo (UFOP) • Prof. Dr. Heraldo Ferreira Borges (Mackenzie) • Prof.^ª. Dr.^ª. Janice Gusmão (PMS-Gestão) • Prof. Dr. João Pedro Silva Nunes (Universidade Nova de Lisboa, Portugal) • Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira (UFES) • Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (UFES) • Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS) • Prof.^ª. Dr.^ª. Karina Anhezini (UNESP - Franca) • Prof. Dr. Leandro do Carmo Quintão (IFES-Cariacica) • Prof.^ª. Dr.^ª. Lucia Bogus (PUC/SP) • Prof.^ª. Dr.^ª. Luciana Nemer (UFF) • Prof. Dr. Márcio Seligmann-Silva (UNICAMP) • Prof.^ª. Dr.^ª. Maria Beatriz Nader (UFES) • Prof.^ª. Dr.^ª. Maria Cristina Dadalto (UFES) • Prof.^ª. Dr.^ª. Marina Temudo (Tropical Research Institute, Portugal) • Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (UFOP) • Prof.^ª. Dr.^ª. Marta Zorzal e Silva (UFES) • Prof. Dr. Nelson Camatta Moreira (FDV) • Prof. Dr. Pablo Ornelas Rosa (UVV) • Prof. Dr. Paulo Gracino de Souza Jr. (IUPERJ) • Prof. Dr. Paulo Roberto Neves da Costa (UFPR) • Prof. Dr. Rafael Cerqueira do Nascimento (IFES-Guarapari) • Prof.^ª. Dr.^ª. Rebeca Gontijo (UFRRJ) • Prof. Dr. Renato de Almeida Andrade (UFES) • Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello (UNESPAR) • Prof. Dr. Rogério Naques Faleiros (UFES) • Prof.^ª. Me. Sátina Priscila Pimenta Mello (Multivix/ Estácio) • Prof. Dr. Sérgio Alberto Feldman (UFES) • Prof. Dr. Timothy Power (University of Oxford, Reino Unido) • Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (UNICAMP) • Prof. Dr. Ueber José de Oliveira (UFES) • Prof. Dr. Valdeí Lopes de Araujo (UFOP) • Prof. Dr. Vitor de Angelo (UVV) • Prof.^ª. Dr.^ª. Verónica Tozzi (Universidad de Buenos Aires) • Prof.^ª. Dr.^ª. Záira Bomfante dos Santos (CEUNES - UFES) • Prof. Dr. Wilberth Claython Ferreira Salgueiro (UFES) • Prof. Dr. William Berger (UFES) • Prof.^ª. Dra. Adriana Pereira Campos (UFES) • Prof.^ª. Dra. Carla Noura Teixeira (UNAMA) • Prof. Dr. Carlos Garriga (Universidad del Pais Vasco, Esp) • Prof. Dr. Claudio Jannotti da Rocha (UFES) • Prof. Dr. Claudio Madureira (UFES) • Prof. Dr. Daniel Miti-diero (UFRGS) • Prof. Dr. Edilton Meireles de Oliveira Santos (UFBA) • Prof. Dr. Gilberto Stürmer (PUC/RS) • Prof. Dr. Juliano Heinen (FMP) • Prof. Dr. Leonardo Carneiro da Cunha (UFPE) • Prof. Dr. Marco Antônio Rodrigues (UERJ) • Prof. Dr. Márcio Cammarosano (PUC/SP) • Prof.^ª. Dra. Mariana Ribeiro Santiago (UNIMAR) • Prof. Dr. Platon Teixeira de Azevedo Neto (UFG) • Prof. Dr. Ricardo José de Brito Pereira (UDF) • Prof.^ª. Dra. Viviane Coelho de Sellos-Koerr (UNICURITIBA)

Micheline M. Tomazi Almeida
(Organizadora)

Estudos do Discurso e Compromisso Social



Editora Milfontes
Vitória, 2023

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

Revisão

De responsabilidade exclusiva dos autores

Capa

Imagem da capa:

Não citada

Autor:

não citado, logo, tenho declarado que não existe intenção de violação de propriedade intelectual

Aspectos:

Maria Luiza Fontana Nascimento

Projeto Gráfico e Editoração

Bruno César Nascimento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E82e Estudos do discurso e compromisso social/ Micheline M. Tomazi Almeida (org.).
Serra: Editora Milfontes, 2023.
354 p.: 23 cm.

ISBN: 978-65-5389-066-4

PDF

Formato eletrônico

1. Discurso 2. Responsabilidade Social 3. GEDIM I. Almeida, Micheline M. Tomazi II. Título.

CDD 306.44

Sumário

Prefácio 7

Apresentação.....11

Parte I

Estudos Críticos do Discurso sobre violências de gênero e étnico-raciais

Como a globo manipulou o impeachment da Presidenta brasileira Dilma Rousseff17

Teun A van Dijk

A relevância de informações em textos jornalísticos sobre violência de homens contra mulheres65

Micheline Mattedi Tomazi & Raquelli Natale

Caso da menina de 10 Anos: a desumanização e a objetificação do corpo feminino apresentado pela Mídia Capixaba.....103

Daniela Littig Endlich & Renata Barreto da Fonseca

Do machismo à transfobia em letras sertanejas: o caso Lili.. 133

Ariel Sessa & Josilene Ferreira

#JustiçaporMoise: atores e interseccionalidades nos discursos digitais do macromovimento antirracista159

Lidia Gurgel Neves-Hora, Camilla Reisler Cavalcanti & Fábio Malini

O discurso machista em comentários no facebook sobre a notícia “mulher nega sexo e mata marido”189

Tamiris Demoner, Micheline Mattedi Tomazi & Sabrina Wanzeler Garcia

Representação social em notícias sobre assédio sexual contra mulheres em transporte público no Espírito Santo: uma análise crítica de discurso213

Marta Aguiar da Silva

Parte II

Outros enfoques Linguísticos-discursivos

Análise Crítica do Discurso: parâmetros de análise do discurso jornalístico.....243

Georges Bitti Chilela

Leitura, desigualdade social e manipulação discursiva275

Anderson Ferreira, Izilda Maria Nardocci & Iasmim C. R. Brillhante

Cenografia, instâncias enunciativas e a constituição da voz identitária no discurso literário periférico.....303

Candido Ferreira de Souza Junior, Mário Acrísio Alves Junior &

Jarbas Vargas Nascimento

Relações de discurso, organização tópica e dimensão epistêmica: recursos para a análise da “episteme em ação” 325

Gustavo Ximenes Cunha

Sobre os autores349

#Justiça por Moise: atores e interseccionalidades nos discursos digitais do macromovimento antirracista

*Lidia Gurgel Neves-Hora
Camilla Reisler Cavalcanti
Fábio Malini*

Considerações Iniciais

O dia 24 de janeiro de 2022 tornou-se um retrato da situação do racismo interseccional no Brasil¹. Moïse Mugenyi Kabagambe, um refugiado congolês e negro, foi assassinado no local de trabalho, o quiosque Tropicália, localizado no Rio de Janeiro. Ele compareceu ao local para cobrar um pagamento atrasado de R\$ 200 (duzentos reais) referentes a duas diárias de trabalho. Três homens agrediram-no com socos, chutes e pauladas, além de amarrá-lo quando já se encontrava sem reação. Em nenhum momento aparece alguém para acudi-lo e, ao final, os próprios agressores

¹ A interseccionalidade trata da sobreposição de vulnerabilidades que sofrem pessoas vítimas de racismo que, ao mesmo tempo, são vítimas do sexismo e de outras fragilidades sociais e econômicas, que levam à exclusão e à vulnerabilidade, dentre elas as migrações e, especialmente, as migrações forçadas, como é o caso dos refugiados (AKOTIRENE, 2019, p. 21-22; ABADÍA, 2016, p. 591, 592, 596).

procuram ressuscitá-lo com compressões torácicas. Uma câmera de segurança captou as imagens. Um crime bárbaro, que suscitou uma forte reação nas redes sociais, escancara a verdadeira face da desigualdade no país (G1, TV GLOBO, 2022).

Nada justifica essa barbárie, porém, consideramos que a discriminação interseccional é sistêmica e, por isso, cabe suscitar como a sociedade também oferece resistência e solidariedade. A discriminação interseccional é resultado de uma sobreposição de vulnerabilidades, dentre as quais se incluem o racismo, a condição de imigrante (e especificamente de refúgio), a pobreza, além do contexto histórico e cultural (ABADÍA, 2016, p. 596; PAVEAU, 2017b, p. 154). A discriminação interseccional é um problema histórico exposto nas plataformas de redes sociais digitais, que têm ocupado cada vez mais espaço na vida das pessoas e na produção e difusão de discursos na esfera pública (D'ANDREA, 2020).

Partimos do pressuposto de que um caso de violência ativa o engajamento online, causando a formação de um macromovimento digital antirracista, conforme o conceito de macromovimento antirracista de Van Dijk (2021).

Definimos antirracismo como um *macromovimento* ou uma *classe de movimentos sociais*, cujos membros, em diferentes momentos da história e em vários lugares do mundo, se engajam em crenças e práticas de oposição e luta contra a escravidão, o antisemitismo, o preconceito racial, a discriminação e a desigualdade. [...] o discurso antirracista é uma forma crucial dessa resistência, não apenas como uma prática social e política, mas também como fonte, expressão e comunicação da cognição antirracista, que, por sua vez, é a base de toda prática antirracista. (VAN DIJK, 2021, p. 28, grifos do autor)

Para o autor, o racismo continua prevalecendo e, por isso, a importância de se focar em discursos de resistência. Até porque “o discurso antirracista oficial em contextos corporativos muitas vezes não é mais do que uma forma de autoapresentação positiva” (VAN DIJK, 2021, p. 121), servindo apenas para que organizações e empresas se apresentem falsamente como corretas.

A caracterização do antirracismo como um macromovimento implica que historicamente não há apenas um, mas uma grande variedade de diferentes movimentos ou outras formas de atividade coletiva contra o racismo, dentre as quais se incluem as possibilidades de discursos e mobilizações online. As movimentações no ambiente digital possuem característica rizomática. Em outras palavras, o surgimento de engajamento em torno de algum assunto é aleatório e imprevisível, pois depende do engajamento de atores, da regulação algorítmica e da disputa de atenção com outros tópicos e outras possibilidades (inclusive *offline*). Assim, da mesma forma que um assunto banal capta a atenção do usuário, um assunto de relevância social conecta grupos geográfica e temporalmente distantes formando uma multidão conectada e com ações sincronizadas em redes sociais.

Na movimentação *online* após o evento do assassinato de Moïse Kabagambe, surgem as alianças entre atores sociais que revelam a presença ou ausência de cooperação, assim como as representações sociocognitivas de objetivos, identidades, atitudes e ideologias, que podem ser identificadas por meio dos discursos. A rede mostra a atividade antirracista e a integração entre indivíduos e grupos. Buscaremos compreender como a morte de Moïse aciona atores, no Twitter, em prol de atitudes antirracistas, por meio discursos de resistência e solidariedade, e como a interseccionalidade influi no macromovimento antirracista.

Trazemos aqui uma contribuição que utiliza a ciência de dados, na abordagem teórico-metodológica do perspectivismo de rede, para aprimorar a extração e análise do discurso, indicando, por um lado, aqueles que mais influenciam a sociedade, e por outro, a formação de comunidades epistêmicas, ou seja, que compartilham ideologias, valores e crenças. Isso se verifica, no perspectivismo de rede, a partir das aglutinações de atores, com base nas suas interações. Assim, buscamos contribuir para fortalecer o combate ao racismo por meio dos discursos, no papel de pesquisadores-atores solidários a esta causa social.

O compartilhamento do vídeo mostrando o assassinato de Moïse levou a uma comoção nacional. Embora as principais causas do descontentamento tenham sido a brutalidade do evento e a injustiça em curso no país, eventos isolados trazem a questão racial à tona. Este artigo investiga se eventos relacionados ao racismo, como a morte de Moïse, influenciaram a reação na esfera digital e a natureza das subsequentes discussões. Este artigo também documenta as discussões sobre racismo no Twitter durante o período coletado. Tanto a mídia quanto as redes sociais podem ser usadas para identificar as questões discutidas em determinado momento, mas o Twitter pode incluir vozes diversificadas na esfera pública digital. Essa plataforma é uma escolha natural, porque seus recursos e seu algoritmo permitem o diálogo aberto entre diversas vozes, podendo ser usado para discutir e organizar movimentos sociais. Além disso, como o Twitter é amplamente usado para discutir questões políticas, ele parece ser uma representação razoável de como os debates sobre racismo e antirracismo ocorrem na sociedade como um todo.

Compreendemos que a força capaz de gerar algum impacto não está na sociedade ou na estrutura social propriamente dita, mas nas representações ou construções discursivas que chegam à esfera pública por meio de atores sociais presentes que intervêm naquela situação específica e/ou proferem discursos sobre ela, influenciando, assim, os modelos mentais individuais, os compartilhados por um grupo e os que integram a base comum de determinada sociedade.

Tais diferenças e conflitos ideológicos, mesmo entre grupos relacionados, podem ser mais bem compreendidos com o auxílio da análise do discurso dos participantes do grupo e seus líderes ou *hubs* - conceito dado a nódulos agregadores no ambiente digital. Essa é a proposta deste capítulo, que se apresenta da seguinte forma: até agora apresentamos a morte de Moïse como evento-gatilho para um maior engajamento online do macromovimento antirracista no Twitter. Em seguida, comentamos sobre a situação de refúgio no país e suas interseccionalidades para conectarmos

com a proposta de van Dijk (2021) para uma análise crítica do discurso, especificamente de discursos de um macromovimento antirracista. Partimos de uma abordagem perspectivista dos métodos digitais construindo com estes uma ponte com a ACD. Com o nosso objetivo em mente, descrevemos a coleta de dados e, conseqüentemente, o corpus, assim como categorias que se destacaram nas análises. Nas próprias análises já tecemos algumas reflexões quanto à importância do macromovimento antirracista, assim como quanto às interações em plataformas, que são posteriormente reforçadas nas considerações finais.

A situação de refúgio e suas interseccionalidades

O Brasil é um país que tem recebido um número cada vez maior de refugiados, inclusive pelo fato de sua legislação sobre o tema, que completa 25 anos em 2022, e é considerada uma das mais avançadas do mundo, extrapolar o que propõe a Convenção de 1951 das Nações Unidas (relativa ao Estatuto dos Refugiados) e reconhecer essa condição a todas as pessoas que buscam segurança diante de situações de violação de direitos humanos grave e generalizada (ACNUR [2021a?]).

Na última década, o número total de refugiados tem crescido de forma acelerada, inclusive no Brasil (SÃO BERNARDO, 2016, p. 17). Nesse período, país reconheceu a condição de refugiado a 46.412 venezuelanos, 3.594 sírios e 1.050 congolezes, como Moise e seus familiares (SILVA *et al*, 2021, p. 13). O Brasil tem sido procurado por imigrantes e refugiados principalmente pelo fato de a Constituição Federal (1988, art. 5o.) garantir-lhes igualdade aos cidadãos brasileiros perante a lei.

A vulnerabilidade dos refugiados se agravou nos últimos anos, tanto pela pandemia de covid-19 quanto por outras causas, inclusive o aquecimento global. A excepcionalidade da pandemia levou à restrição da circulação internacional de pessoas, o que vem associado a uma menor aceitação da chegada de populações imigrantes. No Brasil, o governo federal emitiu duas leis e mais de

uma dezena de portarias no sentido de restringir a circulação de pessoas e a imigração (LEÃO, FERNANDES, 2020, p. 13).

As medidas sanitárias e econômicas tomadas no Brasil, o pior país na gestão da pandemia, trouxeram dificuldades sanitárias, econômicas e sociais para toda a população (LOWY, 2021; GARCIA *et al.*, 2021). Para os refugiados que já estavam no país, a pandemia trouxe algumas dificuldades adicionais, entre elas a obtenção de documentos e o acesso a empregos e a auxílios, deixando-os em situação de extrema vulnerabilidade social, com ganhos abaixo do necessário para se sustentar e pouca informação sobre seus direitos, num contexto em que os serviços públicos e mesmo as organizações da sociedade civil atuavam remotamente (FERNANDES *et al.*, 2020, p. 56-71).

Em muitos casos, a fragilidade da condição de migrante refugiado se sobrepõe a outras, entre as quais a miséria, o racismo e questões de gênero e etárias (FERNANDES *et al.*, 2020, p. 75-76; SILVA *et al.*, 2020, p. 58), o que reforça a necessidade de se estudar a situação do refúgio a partir de uma perspectiva interseccional. A situação de vulnerabilidade e os discursos dos vulneráveis precisam ser estudados na linguística, segundo Marie-Anne Paveau (2017b, p. 135-136), que aponta que esse público carece não apenas de recursos do Estado, mas também da possibilidade de exercer sua própria voz. O assassinato de Moïse escancara a que ponto as fragilidades da condição de refugiado, negro, com uma situação econômica e profissional frágil, pobre, favelado, podem chegar, o que reforça a necessidade de analisar tais discursos.

A ACD e os macromovimentos no ambiente digital

A Análise Crítica do Discurso (ACD) dedica-se a analisar as relações de abuso social de poder. Mais recentemente, Teun Van Dijk tem proposto que se estudem não só as relações de dominação e preconceito, mas também as práticas discursivas de resistência e de solidariedade (VAN DIJK, 2021, p. 9; VAN DIJK, 2016, p. 19-20). Especificamente em relação aos discursos antirracistas, Van

Dijk tem procurado, também, fazer um percurso histórico, para compreender como tem sido a evolução, desde o antiescravagismo até os tempos atuais, com o movimento Black Lives Matter, por exemplo. Tendo como referência essa trajetória, compreendemos ser fundamental analisar o funcionamento do macromovimento antirracista no ambiente digital.

O advento da web, especialmente a partir da web 2.0 e das plataformas, transferiu para o espaço e o tempo do ambiente digital grande parte de nossas atividades diárias. Mesmo atividades analógicas inevitavelmente contêm ações digitais, como buscas, comunicações e organização, gerando o ambiente híbrido e os discursos compósitos, ou seja, com a copresença do linguageiro e do técnico (PAVEAU, 2021, p. 119). Essa presença do digital em nossas vidas implica que as ações passam a ser rastreáveis por meio de algoritmos e especificamente por meio de recursos nativos da linguagem, como as *hashtags*, as menções e os instrumentos de busca. Esses instrumentos potencializam a possibilidade de atores se conectarem entre si e com determinados discursos, impulsionando a formação de um macromovimento entre vários movimentos sociais e demais integrantes da sociedade e, mesmo que de modo fluido e temporário, uma confluência de discursos a favor de determinadas causas.

O evento da morte de Moïse desencadeou uma variância de discursos antirracistas no Twitter. Se o preconceito e as práticas discriminatórias dependem de atitudes e ideologias compartilhadas por um grupo, o antirracismo, de forma análoga, depende de um modelo mental compartilhado que se revela no discurso, por meio de vivências pessoais e suas narrativas, da solidariedade e da resistência.

O antirracismo é o movimento histórico e global contra todas as formas de desigualdade racial, discriminação, opressão ou qualquer outra forma de racismo, xenofobia, antissemitismo ou islamofobia. Sua teoria como movimento de resistência e solidariedade precisa de uma formulação multidisciplinar dos princípios de suas práticas sociais e cognição, além das tarefas

práticas de combate à discriminação e ao preconceito, por exemplo, na educação, na mídia, no trabalho ou na rua. Central e crucial para tal teoria é o papel do discurso, tanto como uma prática social penetrante, bem como a fonte da própria aquisição de cognição social tanto racista quanto antirracista, como atitudes e ideologias (VAN DIJK, 2021, p. 381).

As vivências pessoais, bem como as narrativas sobre elas, atualizam os modelos mentais individuais das pessoas, ativando uma cognição antirracista individual e coletiva, o que leva ao reenquadramento de discursos e à expressão da solidariedade, inclusive por parte das elites simbólicas. Mesmo quando o discurso de solidariedade não condiz com práticas solidárias e se trata simplesmente de uma auto-representação positiva, o ator que o profere contribui para cognições e práticas antirracistas ao se manifestar.

Contar, ouvir e relembrar histórias faz parte da formação de grupo e, conseqüentemente, da construção social. Distribuir essas histórias nas redes sociais é uma estratégia cognitiva de gerenciamento de grupo, podendo levar a um sentimento de urgência que motivaria o compartilhamento. Esses modelos mentais individuais passam a ser compartilhados por grupos, até alcançar por todos os membros de uma mesma comunidade epistêmica e, por fim, ‘instanciar’ o conhecimento sociocultural genérico da cultura, ainda que com uma diversidade de posicionamentos, a depender de quem se manifesta. É essa evolução histórica que possibilita avanços sociais e políticos (VAN DIJK, 2021, p. 54).

As narrativas, em sua estrutura, codificam ideologias, ao ajudar a definir o que é uma atitude racista, um ato de solidariedade, quem é o ator ou “irmão” em determinada mobilização ou quais comportamentos condizem com a luta pela igualdade. A história de Moïse é relevante, porque serve como uma narrativa de resistência e um testemunho da situação cotidiana e suas múltiplas vulnerabilidades, motivando os atores a uma necessidade moral e política de batalhar por igualdade. Ela não só gera identificação, como também aproxima atores, como é possível verificar a partir

das pistas fornecidas pelas redes sociais, nos discursos proferidos (que incluem outras descrições de discriminação racial na vida cotidiana, incitadas pelo caso Moïse) e também pelos atores que proferem esses discursos, no contexto de sua autodescrição no perfil e do conjunto de discursos ali publicados.

Os significados locais e globais do discurso racista e antirracista são expressos nas próprias palavras, orações, frases, sons e imagens do texto e da fala, que podem variar de acordo com o contexto comunicativo (VAN DIJK, 2012). No caso de movimentos sociais que se comunicam prioritariamente *online*, além de postagens, salientamos gêneros como pôsteres, panfletos, vídeos e fotos divulgados com o auxílio de estratégias nativamente digitais. Podemos apontar menções por meio de @, topicalização, rastreabilidade e organização da comunicação por meio de #, o uso de emojis, o engajamento por meio de “likes” e compartilhamentos, dentre outros.

Van Dijk (2021) sugere algumas propriedades que possam caracterizar o macromovimento. Ao longo do nosso trabalho, ressaltamos aquelas que surgiram no período coletado. O autor diferencia as dimensões do estudo de micronível como a resistência discursiva das estruturas globais que definem a coerência geral, tópicos de temas e superestruturas. Estas definem a organização geral discursiva de modelos mentais coletivos para gêneros razoavelmente estáveis como reportagens, chamamentos para protestos e, obviamente, os gêneros do ambiente digital como posts, perfis e conversas. Assim, as propriedades do macromovimento revelam-se nas interações primordialmente por aquele ser uma forma de ação e interação sociopolítica complexa, coletiva e contenciosa que lida com problemas fundamentais da sociedade relativos a direitos humanos. No que tange ao antirracismo, o movimento oferece resistência, solidariedade e luta contra desigualdades interseccionais que afetam grupos vulneráveis.

Por isso, qualquer movimento social é dinâmico e ressignificado a depender do contexto histórico e cultural e, nas

plataformas digitais, transpassa dimensões espaço-temporais. Nesse sentido, pode consistir de muitos outros movimentos específicos que se unem e cooperam transversalmente por meio das *affordances* digitais². Cientes de que a motivação para o discurso antirracista pode somente ser uma auto-representação positiva em alguns casos, nosso trabalho auxilia na providência de reflexões que possam ser socialmente relevantes para a difusão de atitudes antirracistas por demonstrar diferentes formas de participação no macromovimento.

Van Dijk afirma que “o discurso racista é ideológico e polarizado por cognições subjacentes que representam positivamente o grupo interno e negativamente o grupo externo” (VAN DIJK, 2021, p. 12). A natureza genérica das ideologias favorece sua aplicação a muitas situações, eventos, e contextos, mesmo por grupos e subgrupos com objetivos locais ou temporais muito adversos. Como não há uma conexão direta entre o discurso e a sociedade, a ideologia racista não pode ser combatida diretamente, mas sim por meio de vários discursos multimodais, produzidos por pessoas vítimas de racismo e solidárias, movimentos antirracistas, escolas, mídia e diversos entes do Estado, dentre outros, com o intuito de oferecer experiências que enquadrem as atitudes no modelo mental coletivo antirracista. Portanto, o discurso antirracista guia o consenso ideológico por ser assertivo e reforçar a valia e a atual carência dos valores democráticos.

Para definir o esquema ideológico de movimentos sociais, Van Dijk (2021, p. 47) oferece algumas categorias que surgem no nosso *corpus*, quais sejam: a) a identidade responde a quem somos, b) as ações que produzimos dentro do movimento, com c) quais objetivos, seguindo quais d) valores, em relação a quais e) grupos de referência (opponentes/aliados) e com f) quais recursos. A noção cognitiva de ideologia é importante porque molda atitudes sociais e opiniões pessoais na medida em que o conhecimento é adquirido, pressuposto ou exposto no discurso. É por meio da interação e cooperação que surgem as atitudes de resistência e solidariedade.

2 Gibson (2014) define as *affordances* como “possibilidades” de ação entre agente-objeto-ambiente.

Nesse sentido, o discurso atua tanto no nível micro, ou seja, na cognição individual e compartilhada por um pequeno grupo, quanto no macro, sobre a legislação, políticas públicas e a opinião pública. Por isso, a ação de pequenos grupos pode oportunizar conexões com outros grupos, contribuindo para impactar o sistema básico de conhecimento em comum (*common ground*), que, por sua vez, pode apresentar diferenças entre culturas, países, cidades, ocupações, modelos mentais individuais e coletivos.

Van Dijk enfatiza que o discurso apresenta práticas antirracistas advindas de atores sociais em um contexto específico. Assim, os atores engajam-se em uma ideologia por meio de uma identidade saliente e adequada para aquele evento, “uma vez que racismo e antirracismo não são questões de pessoa ou de personalidade” (VAN DIJK, 2021, p. 54). Nesse sentido, pessoas antirracistas podem praticar racismo em algum outro momento, e vice-versa. Os *foco nas práticas de atores antirracistas, e não de pessoas*, revela as vozes que ocupam o espaço e ganham propulsão naquele período.

Dentro da vertente sociocognitiva proposta por van Dijk (2014) poderíamos dizer que estamos desenvolvendo um trabalho multidisciplinar sobre o antirracismo. Como o autor destaca,

Vemos que precisamos de um quadro geral e multidisciplinar nas humanidades e nas ciências sociais que permita um estudo integrado das formas como o conhecimento é adquirido, pressuposto, expresso, comunicado e justificado em vários gêneros de fala e texto, e em as situações comunicativas das comunidades epistêmicas, sociedades e culturas (VAN DIJK, 2014, p. 14).³

Isso porque as análises linguísticas em redes sociais aliadas aos métodos digitais ainda são relativamente novas e podem

³ We see that we need a general, multidisciplinary framework in the humanities and the social sciences that allows an integrated study of the ways knowledge is acquired, presupposed, expressed, communicated and justified in various genres of talk and text, and in the communicative situations of epistemic communities, societies and cultures (VAN DIJK, 2014, p.12).

se aproveitar, de forma multidisciplinar, de outras teorias das ciências humanas e sociais, como a análise de redes sociais, mais especificamente o método perspectivista (MALINI, 2016; 2017). Assim, aproximamo-nos dessa teoria, no intuito de verificar possibilidades epistemológicas para a análise do discurso no ambiente digital. Essa aproximação é feita com o apoio de métodos da Análise do Discurso Digital (PAVEAU, 2017 [2021]), ao considerar o discurso em seu ambiente, em uma única plataforma, incluindo elementos linguageiros e não-linguageiros, inclusive o algoritmo⁴.

O estudo de Van Dijk, por um lado, parte de experiências individuais e coletivas de eventos sociais, episódios ou interações, sua representação mental em forma de modelos mentais e como são manifestados por meio de vários gêneros de discurso. Os discursos nas redes, por outro lado, também são eventos sociais de engajamento que sucessivamente sofrem recontextualizações que atualizam os modelos mentais, em um espaço (virtual) em que todas as pessoas podem proferir discursos e entrar em contato com manifestações de pessoas conhecidas e desconhecidas. Em redes digitais, os contextos tornam-se. São um devir que atualiza sucessivamente as ideias-força (*perspectivas*) que dão tração no envolvimento emocional dos grupos conectados e na autonomia cognitiva destes, retroalimentando-os e tornando suas condutas mais complexas.

De forma complementar, compreendemos que postar e comentar nas redes sociais não é mera escrita, mas parte do modelo mental construído de acordo como o conteúdo é vivenciado. Postar implica em escolhas de fontes, léxico (inclusive o uso ou não de *hashtags*), oferecer ou não um *hiperlink*, imagem ou vídeo incorporado, além das respostas nativas da plataforma como curtir, responder, retuitar ou retuitar com comentário. Significará fazer escolhas nos tipos de imagens que podem ser usadas e como elas são usadas, integradas com a postagem. Em suma, como os

⁴ Tal aproximação teórico-metodológica foi mais explorada e detalhada em NEVES-HORA, CAVALCANTI e COSTA, 2021, p. 360-361.

elementos são orquestrados pelo usuário para se alinharem ao contexto e serem colocados no espaço da esfera pública digital.

Metodologia

A Análise do Discurso no ambiente nativo digital requer, do analista, o conhecimento da plataforma que pretende pesquisar e o engajamento nela. É dessa forma que poderá identificar discursos e fenômenos discursivos emergentes, bem como se apropriar das *affordances* das plataformas e de outros recursos digitais que contribuam para a análise. Assim, seguiremos com uma análise quali-quantitativa, que considera os dados fornecidos pela plataforma, junto aos textos, estejam eles na forma externa (visível aos usuários) ou interna (no código, no algoritmo, fornecidos aos analistas por meio de recursos da Ciência de Dados). Com esses recursos, nos baseamos no perspectivismo⁵ de rede para olhar, ao mesmo tempo, o nível macro e o micro desses discursos nas redes sociais (LATOURET *et al.*, 2012, p. 599; MALINI, 2016, p. 12), uma possibilidade ainda nova para as ciências humanas e sociais em geral e para a Linguística em particular (VENTURINI, LATOURET, 2019, p. 43; PAVEAU, 2014, p. 2; NEVES-HORA, CAVALCANTI, COSTA, 2021, p. 359-361).

Assim, ao navegar pelo Twitter, notamos a emergência de discursos sobre a morte de Moïse Kabagambe e as múltiplas vulnerabilidades em que o jovem se encontrava. A escolha de queries é etapa fundamental para a construção do *corpus*. A partir do nome Moïse e da *hashtag* #JustiçaParaMoïse, identificadas por meio dos *Trending Topics* (tópicos em alta no Twitter) e de nossas timelines pessoais, utilizamos a ferramenta de busca da plataforma para levantar uma lista de *queries* (termos de consulta) para coleta de dados. É relevante citar que os termos só podem ser escolhidos à medida que o usuário navega na plataforma - foi assim

5 Pontos de vista, ou perspectivas, são princípios, ideias, agregados, visões de mundo - em suma: cosmologias - que organizam, diferem, individualizam e interligam os seres. E que se formam num fluxo contínuo de associações e dissociações entre si: estando, assim, em movimento, em transformação, em composição contínua" (MALINI, 2016, p. 2).

que verificamos, por exemplo, que não havia outros assuntos sobre “Moïse”, que pudessem levar a uma distorção do *dataset*. Coletamos, com o uso do software Ford, desenvolvido pelo Laboratório de Imagem e Cibercultura (Labic) da Ufes, os seguintes termos (sem acento e incluindo algumas variações de grafia, correspondendo às variações de digitação identificadas): JusticaPorMoiseMugenyi, Tropicalia, MoiseKabagambe, justicapormoisekabamgabe, justicapormoise, justicaparamoise, moisejusticapormoisekagambe, justicapormoise e justicaparamoise.

O Twitter permite coletar dados públicos de uma semana, por meio de uma aplicação (API Search) que pode ser integrada a outras aplicações, criadas autonomamente por desenvolvedores, como é o caso do Ford. Por padrão, as contas nessa rede social são configuradas para postar publicamente, ou seja, qualquer usuário da internet, mesmo que não tenha conta no Twitter, pode localizar e ler esse tweet em mecanismos de busca, exceto no caso em que o proprietário do perfil o restringiu a seus seguidores na rede⁶. Os dados coletados são referentes ao período entre 26 de janeiro a 3 de fevereiro de 2022. Uma primeira mineração de dados, feita no Ford, possibilita eliminar tuítes repetidos ou com falhas. A coleta gerou um corpus de 477 mil tuítes, provenientes de 215 mil usuários que escrevem a partir de 13 países.

As coletas geram um enorme número de metadados e seu uso para análises linguísticas ainda é incipiente. Porém, já podemos afirmar que, por estarem ligados às relações sociais, os usos e o estudo de metadados ultrapassam o aspecto organizacional e servem como recurso para contribuir na construção e na análise de movimentos e comunidades epistêmicas digitais, em forma de redes. A coleta no Ford produz uma tabela geral do *dataset* coletado, com informações e metadados sobre o tuíte e o perfil que o postou, além de diversas tabelas com dados sobre tuítes mais retuitados (“top_tweets”, com os posts ordenados de forma decrescente pelo número de retuítos), palavras mais frequentes

⁶ Para mais detalhes de alguns dos funcionamentos discursivos do Twitter, ver Paveau, 2021, p. 369-382.

(“top_words”), imagens contidas nos tweets do dataset, hashtags, sentimentos, URLs, lugares, línguas, sentimentos, emojis, entre outras possibilidades de análise.

Ainda dentro do Ford, é ativada uma função para geração de um arquivo de rede (de extensão gdf) que será plotado no software Gephi. Neste caso, trazemos a análise de como o conjunto de atores se relaciona na rede quando replicam mensagens (operação denominada de Retweets). Os atores não compartilham todas as mensagens que circulam sobre um tema, ao contrário, tornam-se essa ação um rastro de sua sociabilidade, em particular, de suas decisões por priorizar a replicação de certas mensagens em detrimento de outras, conectando-se assim em um coletivo discursivo que se forma em processo. Esse coletivo discursivo denominamos de perspectiva. No *software Gephi*, que exhibe essas conexões sob a representação de um grafo, as perspectivas podem ser identificadas pelas cores e, dentro de cada cor, pela relação entre esses atores e pela força de atração que há entre eles. Os resultados analisados revelam informações sobre coletivos altamente aglomerados e, interno a eles, o ator mais influente em termos de conexões e os atores responsáveis pelas conexões entre os diferentes aglomerados na rede. Os atores são chamados de “nós” (*nodes*) e suas conexões de “arestas” (*edges*). Nessa lógica, quanto mais conexões, maior o nó será.

O posicionamento dos nós é baseado na proximidade ou distância entre eles. A ideia básica é que um ator faz-se central ao interagir facilmente com todos os outros atores dentro de uma mesma perspectiva. Sua influência é demonstrada pelo tamanho do seu nó. A influência das suas ideias, ou seja, de sua perspectiva, é demonstrada pelo tamanho da aglutinação ou *cluster*. A coesão entre atores de uma mesma perspectiva, por sua vez, é percebida, pela proximidade dos nós e pela intensidade com que ocorrem trocas de arestas entre eles, representando a interação entre os atores. Atores que são capazes de alcançar e serem alcançáveis por outros atores por arestas mais curtas têm posições favorecidas e são mais propensos a formar clusters.

Para apoiar e ampliar a compreensão do que se apresenta nos grafos, a análise inclui a observação dos tuítes e perfis dos atores que se destacaram no grafo. A título de exemplificação, e com o objetivo de aprofundar a análise das características interseccionais verificadas no *corpus*, escolhemos três dos “top_tweets” para estudá-los em profundidade, quais sejam: a postagem de @thiamparo, que é o top-tuíte com 30.487 retuítes; a de @alamoju, o terceiro top-tuíte, com 21.393 retuítes; e o de @TatiNefertari, em 15º lugar com 9.275 retuítes. Nossa escolha justifica-se por esses autores fazerem parte do movimento e seus tuítes conterem elementos interseccionais, como mostraremos mais adiante. Apontamos, nas nossas análises, as estratégias discursivas como recursos multimodais, as *affordances* do ambiente digital e as estruturas discursivas, como o uso de metáforas, metonímia, voz passiva e escolha de léxico, dentre outras, que podem ser determinantes para a maior difusão do tuíte.

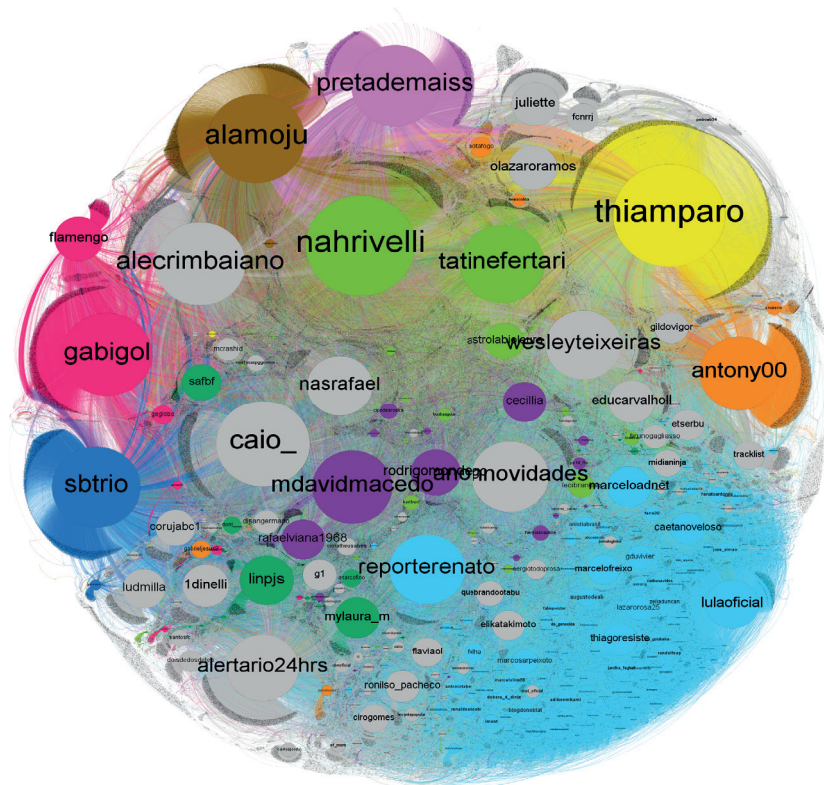
Postar nas redes sociais não é mera escrita, mas parte do modelo mental construído de acordo como o conteúdo é vivenciado. Postar implica em escolhas de fontes, léxico (inclusive o uso ou não de *hashtags*), oferecer ou não um hiperlink, imagem ou vídeo incorporado, além das respostas nativas da plataforma como curtir, responder, retuitar ou retuitar com comentário. Significará fazer escolhas nos tipos de imagens que podem ser usadas e como elas são usadas, integradas com a postagem. Em suma, como os elementos são orquestrados pelo usuário para se alinharem ao contexto e serem colocados no espaço da esfera pública digital.

Análise

A primeira categoria de nossa análise é a de atores sociais. A importância da categoria deu-se na análise de grafos. Dois atores que compartilham atributo de interesse são mais propensos a formar conexões e redes por homofilia, que está no centro das relações de diferenciação, polarização, solidariedade, conflito, etc.

Dois atores que interagem entre si ou que são retuitados pelos mesmos terceiros atores provavelmente estarão mais próximos um do outro no grafo, pertencendo a uma mesma perspectiva, indicada pela cor.

Imagem 1 - Atores em perspectivas



Grafo de atores produzido com o programa Gephi

Nessa linha, podemos explicar a proximidade entre o jogador de futebol @gabigol⁷ e seu clube, @flamengo (agrupamentos pink, à esquerda do grafo), assim como o distanciamento deles

⁷ Sempre que for possível compreender quem é o ator pelo seu nome de perfil (ou @), será apresentada apenas a arroba. Quando for necessário à contextualização, serão acrescentadas mais informações sobre os atores, desde seu nome, autodescrição na “bio” e outras informações sobre suas práticas e identidades.

e de @sbtrio dos demais nós. O tamanho do nó implica uma alta quantidade de conexões, mas não necessariamente homofilia. No caso, o perfil da sede carioca da emissora foi responsável pela postagem do vídeo dos familiares de Moïse clamando por justiça, que foi retuitado por diversos atores, inclusive pessoas que atuam em prol do combate ao racismo, como @thiamparo.

É possível perceber, ainda pelo grafo, a presença de várias perspectivas que se apresentam como um grande nó e muitas arestas ao seu redor. Significa que o discurso proferido por esses atores foi replicado por muitas pessoas, usando o recurso do retuíte. Vários desses atores são pessoas reconhecidas por seu papel na sociedade, o que contribui para cumprirem o papel de influenciadores digitais para que o discurso antirracista ultrapasse a bolha do movimento social e alcance outros grupos da sociedade que, a princípio, poderiam não estar tão sensibilizados com a morte do jovem Moïse e com as consequências do racismo no país.

Assim, destacamos a presença dos discursos das cantoras Preta Gil (@pretademaiss) e @ludmilla, do ator @olazaroramos, da ex-Big Brother Brasil e advogada @juliette, do ativista social @wesleyteixeirass, todos negros, e da chef de cozinha indígena Deborah Martins (@alecimbraiano). São discursos de pessoas que também já foram vítimas de racismo, que adicionam um discurso de pedido de justiça para Moïse ao contexto de suas próprias experiências e modelos mentais, já compartilhados na sociedade por meio de discursos e práticas anteriores. Além desses, merece destaque a presença do tuíte do jogador de futebol @anthony00, que registra a foto de um gol, feito pela seleção brasileira, e a dedicação desse gol ao pedido de #justiçaparamoise. Ao incorporar o discurso dos movimentos sociais antirracistas aos seus tuítes, seja por meio de hashtags, imagens, retuítes ou da própria narrativa sobre a morte de Moïse, os atores contribuem para a existência e o fortalecimento desse macromovimento. Lembramos que esses atores não necessariamente engajam-se em posicionamentos antirracistas sempre, mas foram cruciais no engajamento e difusão de discursos antirracistas e inclusive para a sua presença

global, registrada em 13 países durante a semana coletada. Nota-se, ainda, a presença de atores da mídia, não só o @sbtofcial mas também o repórter Renato Souza (Portal R7, @reporterenato) e o agregador de notícias virtual @alertario24hrs, o que indica a importância do jornalismo e da curadoria de conteúdos digitais na circulação e engajamento em torno do discurso antirracista.

Esse grafo de atores não possui a característica de polarização ou polêmica, por não ser reduzido a dois *clusters* (particularmente lulistas x bolsonaristas). Longe disso, revela uma diversidade de agrupamentos intensamente conectados, onde um ator agrega uma comunidade em torno de si (como são os casos de perfis como @gabigol, @alecimbraiano, @tatineferrari). Essa agregação não é dada em função da popularidade desses atores, mas pela capacidade de um texto interpretar o sentimento partilhado num dado tempo e renovar os contextos enunciativos e gerando mais gatilhos para a ação de replicação online, o que torna o ativismo daquele tema mais vivo nas plataformas.

No caso em análise, ainda observamos um grande componente clusterizado, o grupo azul, na parte inferior à direita da Imagem 1, em que há uma grande quantidade de atores e arestas, tendo como *hub* central @LulaOficial, e é onde se verifica a densidade discursiva do macromovimento. Nota-se a presença, neste agrupamento, de atores da política ou da cultura, como @marcelofreixo, @caetanoveloso (representando, também, os autores da Tropicália, movimento artístico que dá nome ao bar onde Moïse trabalhava), Gregório Duvivier (@gduvivier) e o blogueiro progressista @thiagoresiste. Aproximando a teoria perspectivista à ACD, é possível considerar que esta se apresenta como uma comunidade epistêmica, com conhecimentos, atitudes ou ideologias compartilhadas relativas à causa antirracista. As *hashtags* mais comuns do período se alinham com temas antirracistas. Embora #justicapormoise fosse a mais usada (22 mil vezes), não necessariamente eram tuítes relacionados ao racismo, até porque o prefixo #justicapor tem sido marcador do discurso contra injustiças sociais na internet, podendo, assim, ser um slogan

que dialoga com as causas interseccionais. Mesmo com o aumento substancial de tuítes devido ao evento, nem sempre encontramos referência direta ao macromovimento. Neste caso, o contexto é fornecido pela temporalidade do fato e das narrativas sobre ele, que movimentam os modelos mentais referentes ao racismo, ao antirracismo e às sobreposições de fragilidades.

Os tuítes vinculados às *hashtags* discutem o racismo de forma mais geral, incluindo muitos *posts* com declarações antirracistas ou desejando o fim da brutalidade e desigualdade. A presença das *hashtags* #vidasnegrasimportam, #racismoestrutural, #sosbrasil e #fogonosracistas entre as 20 mais encontradas, apesar de não serem termos de busca para seleção de *corpus*, dão indício desses elementos. Ao serem palavras clicáveis, contribuem, ainda, para que o usuário do Twitter possa ampliar seu conhecimento sobre esses temas. Assim, o assassinato de Moïse ativou a pauta do movimento social antirracista, trazendo ao Twitter o foco nas manifestações sobre o racismo estrutural e sobre a importância de combatê-lo. Em sua maioria, os tuítes analisados não sinalizam que o usuário fazia parte de um movimento organizado, ou seja, aquele teve uma participação pontual como ator do macromovimento, a partir do seu discurso – em muitos casos, reportando discursos de terceiros. Dentre esses discursos reportados, destacam-se imagens pedindo justiça e vídeos mostrando a prática racista de agressão ao jovem a pauladas.

Os top tuítes e seus a(u)tores

Para uma análise das interseccionalidades, verificamos alguns dos top_tuítes, ou tuítes mais relevantes. A relevância é determinada com base na popularidade de um tuíte, ou seja, quando muitas pessoas estão interagindo com ele ou compartilhando-o por meio de engajamentos fornecidos na plataforma, como os retuítes e respostas, as palavras-chave, as *hashtags*, as menções, entre outras tecnologias discursivas (PAVEAU, 2021, p. 363). O grafo de atores nos mostrou quais deles foram *hubs* (nós centrais)

no engajamento durante o período analisado, revelando, portanto, quem foram autores dos top tuítes.

Como mencionado anteriormente, reforçamos que os discursos partem de atores sociais que se manifestam dentro de um contexto emergente, engajamento que pode ou não corresponder a outros discursos e atitudes em diferentes ocasiões. Analisaremos, a seguir, três tuítes de atores que participam ativamente do movimento e que, na semana coletada, fizeram postagens que exibem a interseccionalidade. Esses tuítes serão contextualizados à luz dos fatos correntes, mas também de seus perfis, propondo a compreensão de que a página de perfil assemelha-se a um gênero discursivo no qual o usuário faz a curadoria de acordo com seus próprios objetivos, por meio da autoapresentação positiva.

O tuíte com maior engajamento foi o de Thiago Amparo (@thiamparo, *cluster* amarelo)⁸. Ele usou a estratégia de retuitar o @sbtrio acompanhado de um simples texto: “Justiça por Moïse Kabamgabe, agora e urgente”. O retuíte é uma ação que normalmente significa alinhamento de pontos de vista, o que pode ser verificado pelo contexto e por pistas discursivas de quem retuíta. No caso de @thiamparo, é explícita sua solidariedade e seu pedido de ações, representados pelo advérbio de tempo ‘agora’ e o termo coloquial ‘urgente’, que também age como advérbio.

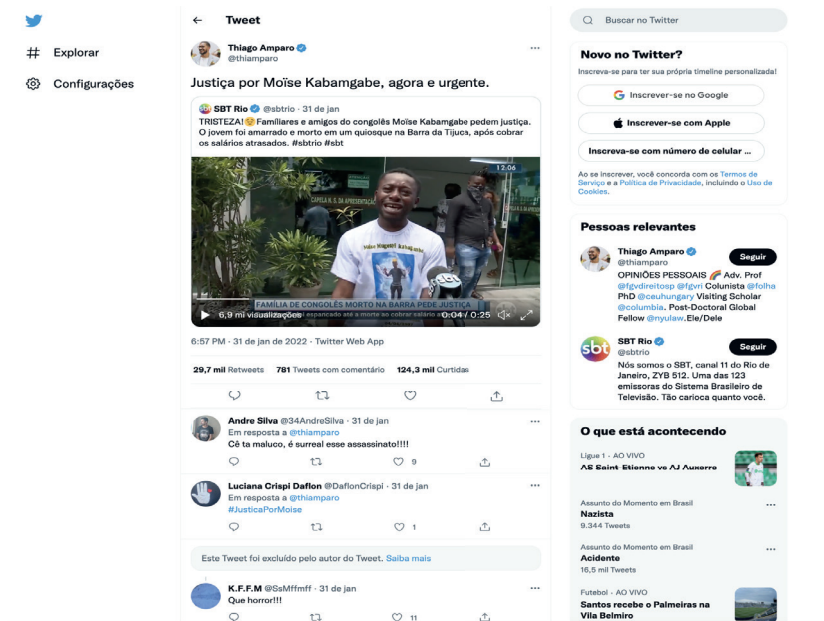
O tuíte de @sbtrio incorporado ao de @thiamparo, por sua vez, trouxe um vídeo de 25 segundos no qual um primo de Moïse clama por justiça, manifestando-se com gestos e expressões que indicam muito sofrimento. No vídeo, aparentemente um recorte da fala do primo de Moïse que foi ao ar no telejornal, observamos somente participantes com a pele negra - a legenda diz que trata-se da família do congolês, o que leva o usuário a crer que todos no vídeo são congolezes. Eles trajam camiseta com a imagem de Moïse com asas, representando-o como um anjo ou uma pessoa boa cuja alma está no céu. Eles portam pôsteres, materialidade discursiva

⁸ Disponível em: <https://twitter.com/thiamparo/status/1488270335128576000>, acesso em: 22 mai. 2022. Por uma questão de espaço, trazemos apenas as reproduções deste primeiro tuíte e os acessos aos demais que serão analisados por meio de link.

típica de movimentos sociais. Abaixo trazemos a transcrição do vídeo.

“Ele trabalhava, a gente trabalha duro. Fugimo da África pra ser escolhido aqui, acolhido no Brasil. Brasil é uma mãe, abraça todo mundo. Ai, Brasil é uma mãe, segunda casa. E como que vai matar o irmão trabalhando? Justiça! Vai ter que ser feito.”

Imagem 2 - Tuíte de Thiago Amparo



Fonte: Reprodução/ Twitter

As palavras do familiar de Moïse oferecem um claro exemplo do racismo e suas interseccionalidades. Primeiramente Moïse é representado como uma pessoa que era dedicada ao trabalho. O advérbio “duro” é normalmente atribuído a um esforço acima da carga normal de trabalho. Da mesma forma, é levantado o questionamento quanto ao ato de tirar a vida de alguém que exerce corretamente sua função social. O uso de “fugir” implica que a situação no país de origem não era favorável, característica comum entre os refugiados. Já o Brasil é representado como

acolhedor tanto pelo uso do verbo “acolhido” como pela metáfora “Brasil é uma mãe” e “segunda casa”. Vê-se uma discrepância entre um país acolhedor e o assassinato de cidadãos corretos. O que o familiar suscita é que a morte de Moïse se equipara a uma mãe matar seu próprio filho por motivo torpe (racismo interseccional), demonstrando preferência por “outro filho” (os supostos favorecidos pelas injustiças de que Moïse foi vítima).

Já a escolha do léxico “irmão” é típica, por um lado, entre imigrantes compatriotas e por outro, entre participantes do movimento antirracista, sendo usado por integrantes do macromovimento em vários idiomas. Inclusive, o termo é recorrente no nosso *corpus*. É um termo que demonstra o sentimento de fraternidade.

De forma complementar, trazemos o perfil do ator principal do nosso *corpus* (@thiamparo) para apontar como alguns elementos trazem legitimidade ao discurso do ator social. A página do perfil permite que o ator escolha tanto uma imagem de perfil como uma imagem para a “capa”. Apesar das contingências da plataforma, a construção do perfil para a representação do posicionamento parte sempre de escolhas individuais, para que haja uma adequação tanto contextual quanto ao propósito do usuário. A curadoria do perfil, portanto, é uma atividade discursiva.

@thiamparo é negro e um ator referência em temas raciais, o que lhe propicia um lugar de fala crucial no movimento antirracista. Sua foto de capa também oferece pistas quanto ao seu posicionamento ideológico. O Twitter oferece o selo azul, de verificação, como critério que indica credibilidade. É uma escolha da plataforma atribuir o perfil verificado, que é alcançado se a conta tiver alto interesse público, for ativa e autêntica. Como consequência, a conta tem acesso em primeira mão a novos recursos da plataforma, acesso a estatísticas e relatórios e é vista com mais credibilidade, o que acaba gerando mais engajamento e alcance.

Imagem 3 - Perfil de Thiago Amparo (@thiamparo)



Fonte: Reprodução/ Twitter

As letras garrafais na comunicação digital significam ênfase. @thiamparo escreve “OPINIÕES PESSOAIS”, uma frase que, apesar de ser pleonasma, é recorrente no Twitter e indica que suas falas nesse espaço não representam as instituições às quais se vincula de forma profissional, acadêmica e/ou militante, funcionando como um salvo-conduto para possíveis divergências entre o ator e as organizações. Em seguida, ele coloca o emoji de arco-íris para demonstrar seu apoio à causa LGBTQIA+, identificando-se com o gênero masculino ao listar os pronomes Ele/dele. Percebemos que ele apoia-se em instituições amplamente reconhecidas (Prof @

fgvdireitosp @fgvri Colunista @folha PhD @ceuhungary Visiting Scholar @columbia. Post-Doctoral Global Fellow @nyulaw), acoplando-as às suas funções sociais. Ou seja, ele não é somente formado em direito, mas é formado pela FGV. É colunista da Folha, obteve seu doutorado na Europa, é professor visitante (que exige convite formal) em Columbia e recebe bolsa de pós-doutoramento pelo Departamento de Direito da Universidade de Nova Iorque. Até a data da coleta, ele contava com a materialidade discursiva de 42 mil tuítes e 159,6 mil seguidores. Todos esses elementos contribuem para apontar o potencial do perfil de @thiamparo para produzir e propagar discursos antirracistas.

De perfil também verificado e de pele negra, @alamoju⁹ usa a estratégia de escrever um fio para demonstrar sua revolta. Trazemos a primeira parte do fio:

“um irmão foi ESPANCADO até a morte por ter ido cobrar seu salário que estava atrasado. moise mugenyi um irmão congolês que trabalhava no quiosque TROPICÁLIA foi amarrado e espancado por 5 pessoas até a morte depois de ir cobrar seu dinheiro, ir atrás de seus direitos básicos.”

Nesse tuíte, há novamente a nomeação de Moïse como “irmão”. A motivação do crime é repetida duas vezes, de modo a dar ênfase e demonstrar a interseccionalidade com a exploração do trabalhador de classe baixa, em um contexto social em que o trabalho não remunerado e, portanto, em condições análogas à escravidão, é considerado um crime. Sendo Moïse um negro e africano, remete ainda às práticas escravagistas coloniais. Aponta para o fato de que a classe baixa tem maior dificuldades em ter seus direitos respeitados.

Apesar de o ator demonstrar perceptível revolta, seu discurso perpetua o apagamento dos agressores pelo uso da voz passiva. Esta estrutura dá ênfase à ação, afastando o agente da percepção do leitor. Somos informados que “um irmão foi

⁹ Disponível em: <https://twitter.com/alamoju/status/1488173574913466377>, acesso em 23 mai. 2022.

espancado”, “foi amarrado e espancado por 5 pessoas”. Assim, sabemos da impossibilidade de defesa de Moïse e da luta desigual, mas os números afastam o aspecto subjetivo dos agressores.

Atora social de perfil verificado e pele negra, @TatiNefertati¹⁰ retuita um vídeo do @sbtrio que mostra a presença de policiais no quiosque Tropicália para proteger o patrimônio, com o seguinte comentário e fio:

A polícia protegendo o estabelecimento de quem ASSASSINOU um homem preto. Moise foi espancado até a morte por 15 minutos. A polícia não tava lá pra proteger a vida dele, mas tá lá pra proteger o patrimônio. [...] Inclusive, a polícia foi criada pra isso mesmo. Matar gente preta e pobre e proteger os patrimônios e os burgueses.

Ela traz um discurso alinhado com o do movimento Vidas Negras Importam, que destaca a pronta ação da polícia para defender o patrimônio, um estabelecimento fechado, e não a vida. Nesse sentido, os discursos conectam-se, revelando vulnerabilidades e desigualdades históricas tanto no Brasil como nos EUA: em ambos os países, a polícia tende a agir com mais brutalidade contra os menos favorecidos com o intuito de proteger os mais favorecidos.

Considerações finais

Este estudo confirma que destacar casos individuais como a morte de Moïse e conectá-los ao racismo sistêmico, mesmo que não seja o tópico principal de discussão nas notícias e redes, pode trazer benefícios à luta antirracista e ao conhecimento compartilhado sobre o racismo e a necessidade de combatê-lo. Os resultados confirmam que atores sociais antirracistas que abordam o tema podem incrementar o engajamento, pela apropriação do discurso - ainda que de forma pontual - e criar um espaço no qual as pessoas são mais receptivas a conectar diferentes eventos em

¹⁰ Disponível em: <https://twitter.com/TatiNefertari/status/1488531993012940810>, acesso em 21 mai. 2022.

uma narrativa mais ampla interseccional, ou pelo menos estão dispostas a compartilhar esses posicionamentos no Twitter, fortalecendo o macromovimento.

Como o evento da morte de Moise, surge um macromovimento discursivo caracterizado pela argumentação antirracista e interseccional por relacionar a sobreposição de vulnerabilidades expostas em alguns aspectos linguísticos como: léxicos, metáforas, estruturas e compartilhamentos de imagens em consonância com posicionamentos ideológicos.

O Twitter, com suas condições tecnológicas, constitui um ambiente temporal-geográfico que, se observado, pode indicar a disseminação da informação, assim como a influência de diferentes atores nas redes sociais, bem como o peso dos discursos e as constituições de perspectivas.

O antirracismo pode ainda não ter se tornado prevalecente ou sistêmico, mas é uma poderosa forma de resistência e solidariedade, que tem, nas redes sociais, um potencial de impulsionamento de lutas. A análise do nosso trabalho ofereceu uma visão sobre o funcionamento discursivo da resistência e solidariedade, com foco no engajamento de atores, assim como de atitudes e ideologias subjacentes que podem ser reveladas, inclusive aquelas que apontam a sobreposição de vulnerabilidades. A importância está na forma como as interações na esfera digital podem influenciar a necessária transformação de estruturas racistas em sociedades que, como no Brasil, se denominam democráticas.

A mudança em prol da justiça social é complexa e requer engajamento por parte de atores em cooperação e conformidade com o objetivo antirracista. A resistência tem sido majoritariamente atribuída à comunidade negra, cuja produção e circulação de discursos, inclusive nas plataformas, contribui para fazer circular as narrativas e apontar as interseccionalidades. Além disso, destaca-se a importância de os diversos grupos da sociedade que lutam pelo antirracismo buscarem consensos e avanços na ideologia, de modo que os modelos mentais possam

ser compartilhados, o que se vê, neste estudo, na formação de uma perspectiva de rede, com atores interconectados.

Por outro lado, vimos a importância da solidariedade das dissidências entre as elites simbólicas, como acadêmicos, profissionais e meios de comunicação, professores, políticos e, como vimos no nosso trabalho, celebridades e “produtores de conteúdo digital”. Grande parte do discurso antirracista que ganhou força nas redes após a morte de Moïse surgiu desses grupos, em atitudes solidárias, formando um macromovimento coeso. A resistência é essencial, no entanto, a solidariedade, principalmente por parte das elites simbólicas aliadas a outras vozes no Twitter, mostrou-se indispensável para guiar o discurso antirracista influenciando inclusive a grande mídia.

Uma análise crítica do discurso das interações no Twitter revela a natureza do discurso antirracista digital, ou seja, como o uso de plataformas sociais pode impactar o cenário social no país, produzindo ou não resultados concretos, tais como prisões de culpados, celeridade de processos e indenização de vítimas. Nesse sentido, o engajamento digitalizado pode se reverter em benefícios em prol do movimento e da sociedade democrática.

Nossos resultados destacam que as estratégias discursivas nas mídias *online* são fortemente influenciadas pelas relações entre estruturas de redes sociais e ideologias que, por outro lado, não são universais. Portanto, é útil aproveitar os eventos desencadeadores para impulsionar o discurso antirracista e buscar a coesão discursiva em prol do fortalecimento do antirracismo.

Referências

ABADÍA, M.C. Refugiados e justiça global: Uma abordagem interseccional sobre a vulnerabilidade da cidadania. *Forma Breve*, n. 13, p. 591-599, 2016.

ACNUR. ACNUR no Brasil. *Acnur Brasil*. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/acnur-no-brasil/>. Acesso em: 24 nov. 2019.

ACNUR. Legislação. *Acnur Brasil*. Disponível em: <https://www.acnur.org/>.

org/portugues/acnur-no-brasil/legislacao/. Acesso em: 11 out. 2021.

AKOTIRENE, C. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

D'ANDREA, C. *Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos*. Salvador: Edufba, 2020.

FERNANDES, D., BAENINGER, R., DEMÉTRIO, N.B. Resultados da Pesquisa: Impactos da Pandemia de Covid-19 Nas Migrações Internacionais no Brasil. In.: FERNANDES, D., BAENINGER, R. et al (org.). *Impactos da pandemia de Covid-19 nas migrações internacionais no Brasil - Resultados de Pesquisa*. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó" - Nepo/Unicamp, [2020], p. 35-79.

G1, TV GLOBO. Morte de Moïse: veja a cronologia do espancamento do congolês. *G1 Rio de Janeiro*, 02 fev. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/02/02/morte-de-moise-veja-a-cronologia-do-espancamento-do-congoles.ghtml>. Acesso em: 09 jul. 2022.

GARCIA, M. et al. The COVID-19 pandemic, emergency aid and social work in Brazil. *Qualitative Social Work*, 04 mar. 2021. Acesso em 19 out. 2021. <https://doi.org/10.1177/1473325020981753>

GIBSON, J. J. *The ecological approach to visual perception: classic edition*. New York: Psychology Press, 2014. <https://doi.org/10.4324/9781315740218KR>

LATOURETTE, B. et al. The whole is always smaller than its parts – a digital test of Gabriel Tarde's monads. *The British Journal of Sociology*, v. 63, n. 4, p. 590-615, 2012.

LEÃO, A.V., FERNANDES, D. Políticas de Imigração no Contexto da Pandemia de Covid-19. In.: FERNANDES, D., BAENINGER, R. [et al.]. (org.). *Impactos da pandemia de Covid-19 nas migrações internacionais no Brasil - Resultados de Pesquisa*. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó" - Nepo/Unicamp, [2020], p. 20-34.

LOWY Institute. COVID-19 performance index: Deconstructing pandemic response. *Lowy Institute*. Publicado em: <https://interactives.lowyinstitute.org/features/covid-performance/>. Acesso em: 21 mar. 2021.

MALINI, F. Um método perspectivista de análise de redes sociais: cartografando topologias e temporalidades em rede. In.: *XXV Encontro Anual da Compós*, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. Junho de 2016, p. 1-30.

MALINI, F. Um método perspectivista de análise de rede social: cartografando territórios e tempos na rede. In.: ZANETTI, D., REIS, R. (org.). *Comunicação e territorialidades: poder e cultura, redes e mídias*. Vitória: Edufes, 2017, p. 83-106.

NEVES-HORA, L.G., CAVALCANTI, C.R., COSTA, A.P.M. O Bolsonarismo no Facebook a partir da perspectiva das fórmulas discursivas. *Calidoscópio*, v. 19, n. 3, p. 358–371, 2021.

PAVEAU, M.A. L'alternative quantitatif/qualitatif à l'épreuve des univers discursifs numériques. *Corela*, HS(15), p. 1-17, 2014.

PAVEAU, M.A. *L'analyse du discours numérique*: Dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Hermann Éditeurs, 2017a.

PAVEAU, M.A. Le discours des vulnérables. Proposition théorique et politique. *Cadernos de Linguagem & Sociedade*, v. 18, n. 1, p. 135-157, 2017b.

SÃO BERNARDO, M.A. *Português como Língua de Acolhimento*: um estudo com imigrantes e pessoas em situação de refúgio no Brasil. 2016. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

SILVA, G. J; CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T; COSTA, L. F. L; MACEDO, M. *Refúgio em Números*, 6ª Edição. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Comitê Nacional para os Refugiados. Brasília, DF: OBMigra, 2021.


VAN DIJK, T. *Discurso e contexto*: uma abordagem sociocognitiva. Contexto, 2012.

VAN DIJK, T. *Discourse and knowledge*: A sociocognitive approach. Cambridge University Press, 2014.

VAN DIJK, T. Análise Crítica do Discurso. In.: TOMAZI, M. M., ROCHA, L.H.P., POMPEU, J.C. (org.). *Estudos discursivos em diferentes perspectivas*: mídia, sociedade e direito. São Paulo: Editora Terracota, 2016.

VAN DIJK, T. *Antiracist discourse*: Theory and history of a macromovement. Cambridge University Press, 2021.

VENTURINI, T.; LATOUR, B. 2019. O tecido social: rastros digitais e métodos quali-quantitativos. In: J. OMENA (ed.), *Métodos Digitais*. Lisboa: Icnova, 2019, p. 37-46.

 (27) 3376-0363

 facebook.com/EditoraMilfontes

 @espacomilfontes

Conheça mais sobre a Editora Milfontes.
Acesse nosso site e descubra as novidades que preparamos para Você.
Editora Milfontes, a cada livro uma nova descoberta!



Este impresso foi composto utilizando-se as famílias tipográficas
Cormorant Garamond.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada
a fonte e que não seja para qualquer fim comercial.



M I L F O N T E S

Este livro representa todo o resultado de empenho de graduandos, mestrandos e doutorandos que desenvolveram pesquisas desde 2012 até então no Grupo de Estudos Sobre Discursos da Mídia – o Gedim, coordenado pela Dra. Micheline Mattedi Tomazi e composto por outros pesquisadores doutores, além de ter a colaboração estrangeira de Teun A. van Dijk. Esse grupo, registrado no CNPq, está ligado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo, pertencente à linha 2 de pesquisa, voltada para o Estudo Sobre Texto e Discurso. Assim como os Estudos Críticos do Discurso vêm semeando e agregando pessoas, de diferentes partes do Brasil, engajadas no campo da pesquisa crítica e no papel do discurso na manutenção das relações desiguais de poder e de dominação, o Gedim tem desenvolvido pesquisas discursivas que se inscrevem em uma perspectiva crítica comprometida com a prática analítica do abuso de poder, da desigualdade social, dos movimentos de resistência e contradiscursos, assim como com os macro-movimentos sociais, a partir de uma proposta que se ocupa da interface entre discurso-cognição-sociedade.

Micheline M. Tomazi Almeida

www.editoramilfontes.com.br

ISBN: 978-65-5389-066-4

